



UM ESTUDO DA OBRA “ARTE E ALIENAÇÃO: O PAPEL DO ARTISTA NA SOCIEDADE”, DE HERBERT READ.

A STUDY OF THE WORK “ART AND ALIENATION: THE ROLE OF THE ARTIST IN SOCIETY”, BY HERBERT READ.

MACEDO, LORENA MACHADO¹, PICCOLOTTO, DENIZE CARVALHO²

¹Universidade Federal do Amazonas - shintaeien@gmail.com

²Universidade Federal do Amazonas - denize.piccolotto@gmail.com

Resumo: A partir do pensamento de Herbert Read, em sua obra Arte e Alienação – O Papel do Artista na Sociedade, a presente pesquisa objetiva perscrutar a função social do artista em contraponto com o fenômeno da alienação, ora fazendo-o com base na construção lógica do pensamento, ora com fundamento na análise específica de obras e artistas que permitem entrever a relação entre arte e alienação. Tal fenômeno está relacionado a um enfraquecimento da natureza artística dos indivíduos, e da própria individualidade em si frente ao agigantamento do Estado e suas eventuais consequências. Procedeu-se a um estudo de fontes primárias e secundárias a fim de corretamente contextualizar o problema a ser respondido e equacionar soluções apontadas por Read. Evidenciar-se-á que a Educação pela Arte é um dos meios adequado para reconduzir a humanidade a uma conexão com seu viés natural, psicológico e metafísico alcançando consequências benéficas para a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Arte. Alienação. Educação. Ciência. Processo Criativo.

Resumen: A partir del pensamiento de Herbert Read, en su obra Arte y Alienación – El papel del artista en la sociedad, esta investigación tiene como objetivo examinar la función social del artista en contraste con el fenómeno de la alienación, a veces haciéndolo basado en la construcción lógica del pensamiento, a veces basado en el análisis específico de obras y artistas que permiten analizar la relación entre el arte y la alienación. Este fenómeno está relacionado con un debilitamiento de la naturaleza artística de los individuos, y de la propia individualidad frente al agigantamiento del estado y sus posibles consecuencias. Se llevó a cabo un estudio de fuentes primarias y secundarias con el fin de contextualizar correctamente el problema a responder y considerar las soluciones señaladas por Read. Será evidente que la Educación por Arte es uno de los medios apropiados para devolver a la humanidad a una conexión con su sesgo natural, psicológico y metafísico, logrando consecuencias beneficiosas para la sociedad en su conjunto.

Palabras clave: Arte. Alienación. Educación. Ciencias. Proceso. Creativo.



1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da alienação vem sendo estudado em diversos campos das ciências humanas, tendo sua origem mais imediata entre os escritores românticos alemães, em especial Hegel (1837) que o identifica como o divórcio entre “essência” e “existência”.

De forma sintética, o termo traduz um processo de separação entre indivíduo considerado em sua natureza, sentimentos, expectativas e ideias, e a sociedade, resultando numa relativa perda do senso de comunidade, ou alienação de suas capacidades e potenciais intrínsecos, de toda forma causando efeitos prejudiciais para o meio social e sua integridade psicológica.

Segundo a leitura de Read (1967), na sociedade este fenômeno atinge seu apogeu, mas possuiria uma natureza distinta daquela identificada por Marx, não sendo um resultado imediato e indissociável da sociedade no que tange a seu modo de produção, destacando que, inclusive, a alienação continuou a se fazer presente em grande parte nos países socialistas, sendo consequência, ao invés, de uma problemática muito mais profunda, relacionada ao próprio conceito de modernidade e ao modo de vida da civilização tecnológica e, ainda mais intrinsecamente, da própria fragmentação da psique humana.

A temática estudada na obra em análise é recorrente e tem sido amplamente discutida nos círculos intelectuais e acadêmicos relacionados ao meio artístico. O processo de alienação é um fenômeno de primeira grandeza para uma observação científica da sociedade em que vivemos, e sua vertente artística está entre as causas primeiras de sua ocorrência, ao mesmo tempo em que o caminho para sua reversão também tem a arte como veículo fundamental.

Entende-se que este trabalho de Read (1967) é essencial em sua bibliografia e para a compreensão de seu pensamento artístico, sendo também um dos mais relevantes para o exame do papel da arte e do artista com relação à alienação social.

Objetiva-se elaborar uma análise sobre a obra “Arte e Alienação – O papel do artista na sociedade (1967)”, de Herbert Read, visando proporcionar uma visão sistêmica das ideias contidas na obra, extraindo a essência de seu pensamento filosófico e pedagógico e elencando suas principais particularidades.

2. CONCEITO DE ALIENAÇÃO EM READ

Contrariamente à grande maioria dos críticos de Arte do seu tempo, Herbert Read observa de um modo original a Arte como fenômeno social, entendendo-a não como mero reflexo das características sociais ou do modo de produção, mas, ao invés, como um “processo formativo”, enfatizando que a atividade estética influi psicologicamente nos indivíduos e, por conseguinte, na organização social. Deste modo, a arte reciprocamente determina e é determinada pela sociedade, pelo que inclusive o autor a coloca como um “fator positivo” na busca de soluções para os problemas que afligem o meio social.

Read (1967, p.9) observa as limitações da crítica de arte encontradas naquele dado momento, que pouco se ocupava especificamente em analisar a arte sobre o prisma da psique humana, e sugere inclusive a possibilidade de estar sendo lentamente sedimentado o que chamava de “leis da evolução da estética”.

Para tanto, elaborou um breve histórico da crítica de Arte, identificando sua origem em Heinrich Wölfflin (1989) (que se dedicou primordialmente à crítica da arte renascentista em bases formalistas), a influência deste em críticos como Roger Fry (1934), que passou a questionar alguns pressupostos da arte moderna. Read (1967) traça uma oposição entre os dois momentos da crítica de arte, repre-



Fry (1934) e Paul Klee (1945), tendo o primeiro, embora fosse um dos críticos mais receptivos às novas tendências trazidas pelo modernismo, encontrado diante de si uma barreira conceitual que o impedia de efetivamente compreender em toda sua extensão o estilo e o propósito de artistas tais como Picasso, os surrealistas, expressionistas e etc.

Neste sentido, a nova abordagem trazida por artistas como Paul Klee, que detinha uma visão romântica da arte abstrata, não puramente substancial/mecanicista, ocasionou uma verdadeira reviravolta na crítica de arte (embora não fosse, entretanto, um empreendimento inédito, como devidamente ressaltado pelo autor), no sentido em que o materialismo da tendência anterior foi gradualmente sendo suplantado pelo simbolismo/transcendentalismo, mais adequado à correta interpretação da nova arte que se lhe apresentava.

Após este momento de “cisão” entre tais métodos de crítica de arte, evidenciou-se ainda uma segunda problemática, especialmente ante à crise trazida pelos movimentos modernistas. Com efeito, sempre houve uma primazia da interpretação simbólica da arte, mas, entretanto, especialmente após o surgimento da crítica formalista com Wofflin (1989) e seu questionamento e relativo retorno à interpretação simbólica com o modernismo, verifica-se, ainda, que subsiste a existência de um “abismo”, uma distinção de difícil superação entre a crítica interpretativa, basicamente uma atividade escrita, e a arte em seu aspecto simbólico, que dificilmente consegue ser transfigurada ou descrita com igual precisão de todos os elementos tal como contida em si.

Após uma breve imersão na dimensão da crítica de arte, Read (1967) conclui que a crítica de arte passa por um momento de transição entre o formalismo e o retorno ao simbolismo, condição trazida pelos artistas modernos, mas que é oportuno, em vista deste movimento, demonstrar sua significância social, razão que leva o autor a analisar em profundidade a temática do artista alienado.

A alienação se revela, portanto, para Read (1967), como um fenômeno não unicamente social, ou exterior, mas que age principalmente na esfera individual, psicológica, na raiz e nas profundezas da mente humana, pelo que a Arte seria o único veículo capaz de atingir uma gama tão ampla e variada de estímulos e sensações, inclusive no inconsciente humano, sendo, por isto, ideal para se contrapor à situação de crise que caracteriza a alienação.

Tal objetivo é fundado em grande preocupação com os destinos da sociedade moderna, em que a alienação atingiu seu ponto máximo, não por culpa exclusiva do capitalismo, mas da sociedade moderna e tecnológica como um todo. A solução apontada por ele, perpassa não a alteração unicamente do sistema econômico, mas de uma recomposição da própria psique humana, que atualmente se encontra “fragmentada”, através da arte.

3. ARTE E SOCIEDADE

Após delinear brevemente tais conceitos introdutórios, Read (1967) passa a empreender uma análise detida no papel desempenhado pelas Artes na sociedade contemporânea, preliminarmente ressaltando que ocorre um processo de dissociação entre a Arte e o “homem médio”, posto que é compreendida pela generalidade da sociedade como uma atividade restrita a profissionais e especialistas.

Ressalta, ainda, que excepcionando raros casos, embora ilustres, como o de Platão, Arte e sociedade foram ao longo do tempo concebidas separadamente, o que para o autor consiste num grave erro. Com efeito, poucos pensadores compreenderam “que a sociedade, como entidade orgânica viável, é de certo modo



dependente da arte como uma força aglutinadora e energizante”, ou seja, Arte e sociedade vivem em simbiose e são reciprocamente dependentes, não se verificando, historicamente, sociedade desprovida de Arte e vice-versa, ao menos até o advento da modernidade.

Este é um ponto central do pensamento de Herbert Read, e muito provavelmente a razão que lhe motivou a compor a presente obra, que ora se analisa. O autor expõe brevemente as inter-relações entre Arte e sociedade desde a antiguidade, concluindo que, diversamente da ideia geralmente sustentada de que o fato de a sociedade estar permeada de ideias e manifestações de ideias é o que permite uma maior compreensão da Arte. Em verdade, seria a própria Arte que atua no processo de germinação de tais ideias, propiciando seu surgimento.

O fato da Arte ser um agente sensibilizador da sociedade faz com que as ideias floresçam com mais intensidade à medida que os indivíduos se tornam mais sensíveis. Neste sentido, torna-se imperioso para o autor perscrutar as causas da insensibilidade nas sociedades modernas e seus naturais e nefastos efeitos.

De imediato, o autor afasta a possibilidade de tal fenômeno estar relacionado ao mero aumento quantitativo da sociedade (uma decorrência inevitável do processo de industrialização), ressaltando que o absurdo de tal tese reside no fato de que a obra de arte é essencialmente uma criação de cunho individual, demonstrado por meio de exemplos significativos que, ainda que tenha o aspecto exterior de uma obra coletiva, ou mesmo que tenha sido “concebida coletivamente” (o que, neste caso, não se revela mais do que um recorte de individualidades distintas), o conceito estético, que é entendido como a obra enquanto unidade artística, é sempre produto do individual.

Esta origem da arte não deixa de impor uma situação paradoxal: ao mesmo tempo em que é essencialmente um produto da inteligência individual, o próprio indivíduo sofre influência e é dependente, além de economicamente, psicologicamente da comunidade na qual se insere. Percebe-se o ego humano constantemente numa condição de ajustes recíprocos com a “psicologia da multidão”, dentro da qual a arte é concebida e se manifesta.

Porém, essa correlação entre arte e sociedade, tão característica de todos os momentos históricos da civilização ocidental, se vê, entretanto, radicalmente ameaçada com a modernidade, motivo pelo qual estudiosos têm frequentemente se ocupado em apontar políticas capazes de trazer uma solução adequada para tal problemática.

Read (1967) não identifica uma boa explicação ou saída naquilo que denomina “subsídios econômicos”, ou seja, um eventual aumento na quantidade de patrocinadores, eis que não há evidências de que a qualidade da arte do passado tenha relação com tais “mecenas”, que, ao contrário, muitas vezes representavam um obstáculo à liberdade artística.

Também, tal argumento é facilmente refutado com a demonstração que, na atual sociedade (especialmente no modelo vigente), o número e capacidade econômica dos patrocinadores supera todos os anteriores. Tal fator, contudo, não solucionou o problema básico apresentado pela sociedade contemporânea, qual seja, a criação de uma arte característica da sociedade em que vivemos, que “surja espontaneamente das realidades sociais e econômicas básicas do nosso modo de vida”.

O produto destes alegados problemas é demonstrado pelo autor através da decadência da própria arte contemporânea, com a ausência de poesia e drama típicos, bem como a brutalização da arquitetura e a insensatez e incoerência da pintura e escultura.



A razão identificada para tal limitação da sociedade é, para Read (1967) o fato de que, nela, o potencial humano para a arte é sequencialmente tolhido, em todos os momentos da formação psicossocial dos indivíduos, produzindo como efeito colateral um exército de “artistas frustrados” e indivíduos cujos “instintos criativos” foram amputados.

Read (1967) reafirma seu entendimento que a arte é um elemento inerente à natureza humana, e todas as pessoas apresentam algum nível de desenvolvimento artístico. O polo irradiador da natureza artística é, para ele, a imaginação, tendo sido, ao longo da história, identificada com elementos metafísicos e até mesmo divinos da natureza humana.

A disfunção observada atualmente diz respeito exatamente à atrofia de tal característica na maioria das pessoas, incapazes que estão de perceberem que um impulso natural para a criação e apreciação artística flui em seu interior, mas que não encontra vazão adequada no meio social.

O autor passa, então, a analisar as características da civilização moderna que obstruem e impedem o natural desenvolvimento das faculdades artísticas dos indivíduos, sendo o primeiro deles o já citado fenômeno da “Alienação”, conceito criado por Hegel (1807) e alçado à esfera política por Marx (1934), e cuja essência, é, para o autor, “o divórcio progressivo entre as faculdades humanas e os processos naturais”.

Na sociedade moderna, a Arte se contorce para escapar à absorção, mas é frustrada em suas tentativas. Movimentos como o surrealismo, expressionismo, construtivismo, neoplasticismo acabam falhando em seu intento a priori revolucionário eis que, num esforço para livrar-se do “controle da razão” e das “preocupações estéticas e morais”, subjagam ao final ainda mais a imaginação à razão. Marcuse (1964, p. 37) fala sobre uma “fusão obscena entre estética e realidade”.

Isso porque o ideal essencial da sociedade tecnológica seria “pacificar a existência humana”, reduzindo distâncias, eliminando adversidades naturais, criando uma humanidade “sem conflitos ou necessidades insatisfeitas” o que, em última análise, exigiria uma nova concepção da arte, com finalidade “terapêutica”, auxiliando na referida “pacificação da luta pela existência”. Nisto Read (1967) observa a perda da característica fundamental da arte, qual seja, ocupar-se da luta, do mistério da “existência no sentido humano e metafísico”, e não socioeconômico, motivo pelo qual “nenhuma sociedade imaginável do futuro, por mais livre que esteja das necessidades materiais, jamais poderia passar sem arte”.

A humanidade perderia assim sua dimensão imaginativa ou metafísica, no exato sentido do termo. A ciência é incapaz de auxiliar a humanidade na luta contra o seu trágico destino inexorável, que é o fim da existência. Para Read (1967) somente a arte pode dar sentido à existência, “não só no sentido de superar a alienação (da natureza, da sociedade, do próprio eu), mas no sentido reconciliar o homem com seu destino, que é a morte”. Não apenas a morte física, mas a morte da vitalidade interna do indivíduo, a morte espiritual, destinando-se, portanto, a arte a à busca de uma ‘ilusão’, a maior das ilusões, que seria “a busca de razão e clareza, para uma resolução no mito ontológico do paradoxo da existência”.

Ao tentar racionalizar a irracionalidade, a arte liberta-se de sua liberdade imaginativa (a liberdade da irracionalidade pura) e sucumbe definitivamente à sociedade racional. Marcuse (1964) observa este processo na estética soviética, quando, em sua obra “Marxismo Soviético”, afirma que a tentativa de superar o antagonismo entre essência e existência, ou seja, entre físico e metafísico (partindo do pressuposto da filosofia materialista), a estética soviética busca “uma arte que não é arte, e consegue o que quer”.



A pacificação almejada pela sociedade tecnológica inclui o “domínio da Natureza”, que em verdade seria a superação da natureza, “recriada pelo poder da Razão”, dando origem a uma era de “prazer e felicidade”, ao mesmo tempo em que a Razão suplanta a Arte e passa a desempenhar sua função original.

Para Read (1967) arte e ciência eram inicialmente formas distintas de “enfrentar a natureza”, mas agora se encontram confundidas. Nos termos de Marcuse (1964, p. 39) “a imaginação compreendida, quando redirigida, se torna uma força terapêutica”. A incisão da ciência sobre a arte e sobre a psique humana possibilita a “compreensão” dos “processos de criação artística”, o que resultaria, segundo Marcuse (1964) na libertação da imaginação do controle estético, produzindo o horror.

4. ARTE, METAFÍSICA E ALIENAÇÃO

Avançando em seu estudo sobre Arte e Alienação, Read (1967) passa a se debruçar sobre as implicações metafísicas que sempre permearam a arte e a importância disso para o sadio desenvolvimento sensório e psíquico dos indivíduos.

Para tanto, rememora o crítico de arte Chinês do século V, Hsieh Ho, e seus seis critérios de julgamento da pintura, através dos quais o autor pretende fazer uma análise criteriosa do estado da pintura europeia contemporânea.

O primeiro critério é justamente metafísico. É o princípio da energia Chi, que permeia, unifica e integra toda a matéria, transcendendo-a.

De pronto, o autor já afasta a necessidade de análise de quatro princípios (respectivamente, o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto), eis que estão incorporados e fazem parte do “repertório” da arte moderna ocidental. O sexto princípio também é preliminarmente afastado, eis que Read entende ser bem conhecida a característica de valorização das cópias e reproduções no Oriente e no Ocidente, onde apenas é rejeitado seu valor pelos “eruditos europeus”.

Deste modo, a análise fica restrita ao primeiro critério, relacionado à “vitalidade espiritual”, ao fluir da “energia cósmica” nas obras de arte europeias contemporâneas.

Ao ignorar ou abandonar essa raiz, de certo modo, primitiva, oriental, mística, e, por ser mística, universal, a arte contemporânea se esvaziou de seu próprio conteúdo original, segundo Read (1967, p. 52) “nove décimos da arte que nos oferecem hoje só é moderna no sentido de ser da moda, e da mais completa trivialidade e incompetência”.

Uma arte desprovida de alcance metafísico, adstrita ao materialismo, padece das mesmas limitações que o materialismo filosófico, no sentido de fornecer uma explicação incompleta da estrutura da realidade, que, portanto, contribuiu para o vazio existencial da modernidade. Em outras palavras, como o suporte lógico emprestado ao materialismo não é convincente ou completo, os indivíduos não encontram nele a resposta de que necessitam, e sua busca, sua ânsia espiritual não é satisfeita.

Um exemplo básico desta limitação é a questão da eternidade do mundo. Se um sujeito advoga a eternidade do mundo, então contraria a teoria mais aceita na modernidade de que o mundo teve um princípio (teoria do Big Bang). Defende-se que o mundo físico teve um princípio, necessário se faz explicar o que ocasionou este princípio, chegando, ao fim, à conclusão lógica (Aristotélica) de que o mundo teve um princípio primeiro, que não foi gerado, pelo que é eterno e o mundo é transitório, o que acaba corroborando a tese metafísica.



Portanto, a arte moderna e contemporânea abdica de sua capacidade de reconectar o indivíduo à esfera metafísica da realidade, pelo que se denota um fator limitador na seleção de seus temas, e em sua própria realização, num estado de pobreza conceitual que não pode passar despercebido. Alguns poucos artistas ainda mantêm o que Read (1967) define como “formas que combinar o concreto, que é finito, com a ressonância infinito”, permitindo concluir que a arte contemporânea vive uma crise resultante da perda da paixão, da busca pelo imaterial, pelo primeiro critério, pela solução das grandes questões humanas, que apenas a arte é capaz de investigar. Para Read (1967, p. 53) “transmitir aos outros aquele sentimento de vazio não é criar uma obra de arte”, e afirma que incumbe à arte moderna, se desejar desvencilhar-se da morbidez e da frivolidade, criar as imagens de uma nova “mitologia”, surgida da união entre conhecimento científico e misticismo, dotados de significação universal, resgatando a vitalidade, a energia cósmica que flui, o significado metafísico da existência através da pintura e da arte.

5. METODOLOGIA

A pesquisa conduziu-se a partir do método da análise do discurso. Este fora escolhido porque objetiva reconhecer o sentido de uma mensagem, não apenas compreendê-la, mas posicioná-la dentro de um universo, analisando seu valor e dependência, enfatizando como se relaciona em um determinado contexto. Tal critério consistiu nas seguintes etapas: A partir do objeto de estudo, a primeira metade da obra “Arte e Alienação – O papel do artista na sociedade” foram analisadas as conclusões atingidas pelo autor e suscitada uma argumentação com ênfase em arte e alienação social. Posteriormente o próprio ambiente teórico da obra foi explorado, fazendo referências e relacionando suas ideias principais com outros estudos e pensamentos que contribuíram para sua concepção, possibilitando uma visão ampla e abrangente sobre o objeto de estudo. Concluindo a análise ao sintetizar as ideias fundamentais por trás da obra e relacioná-las com estudos similares, de modo a possibilitar uma leitura que leve em consideração a obra em si e o meio ao qual se adequa o tema em geral.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Herbert Read, em especial na seção da obra analisada nesta pesquisa, permite analisar a modernidade/contemporaneidade sob uma perspectiva alternativa, altamente crítica e capaz de desconstruir a noção idílica do progresso científico e dos supostos benefícios da sociedade tecnológica.

Read (1967) logra por contrastar essa visão, muito difundida entre os pensadores da atualidade, com um panorama pragmático e até sombrio sobre o contexto social predominante principalmente desde o pós-guerra.

Ao longo do livro objeto do estudo, estética e ciência reencontram um norte comum, qual seja, a busca pela harmonia, pela paz, pela unidade e totalidade. A diferença está no método e no meio de encontrar a mensagem, cada uma apresentando suas vantagens e desvantagens.

A redescoberta científica da estética, portanto, representa um caminho de volta do ser humano frente a seu vazio existencial/espiritual. A vida deixa de ser vista como algo despropositado, sem sentido além da busca do prazer e do distanciamento do sofrimento, sem fundamento racional, e passa a ser apresentada e percebida enquanto algo que se insere num contexto mais amplo, seguindo em direção a uma espiral de progresso.



A Educação pela Arte é um dos principais elementos a ser trabalhado para que este objetivo seja exitoso, de modo a contribuir para a formação de indivíduos mais ativos, construtores, questionadores, sensíveis, solidários, por fim, humanos, não podendo de modo algum renunciar a este papel crucial, sob pena de nos aprofundarmos no ciclo de barbárie e insensatez que tem (a despeito da cortina de fumaça lançado pelos meios de comunicação e determinados pensadores) recentemente caracterizado a civilização humana.

7. REFERÊNCIAS

HEGEL, G.W. F. **Fenomenologia do Espírito**, 2 volumes, Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Filosofia da História**. Brasília: Ed. UNB, 1995.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. **Arte e alienação: o papel do artista na sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

STEINER, Rudolf. **Arte e estética segunda Goethe**. Conferência proferida em Viena em 9 de novembro de 1888.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**. São Paulo, Martins Fontes, 2006.